

Entrevista com o fotógrafo curitibano Nego Miranda

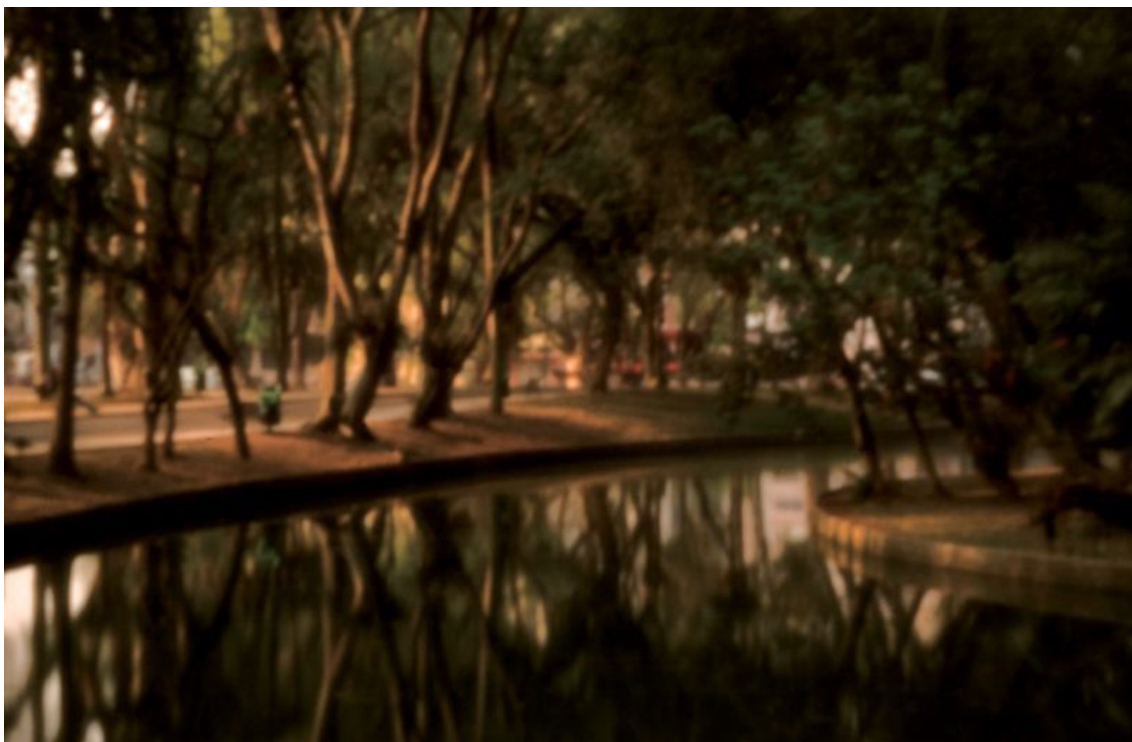
por Eva Paulino Bueno *



Nego Miranda fala de seus livros, da sua carreira e de como chegou a ser fotógrafo, passando pelo cinema e pela publicidade. Na entrevista, apresenta seus livros e discute ainda a questão da arte no Brasil e no Paraná, e de como é necessário mais atenção à preservação e à celebração do que temos de bom no nosso Estado (Paraná).



* **EVA PAULINO BUENO** é Professora de Espanhol e Portugues, Literaturas Latino Americanas, Brasileira e Norte Americana.



A solidão do vampiro (Fotos: Nego Miranda)

Esta entrevista foi realizada no dia 13 de dezembro de 2010, com o artista paranaense Nego Miranda que publicou, em 2010, *A eterna solidão do vampiro*¹ sobre a obra do curitibano Dalton Trevisan. O livro teve lançamento oficial com exposição na Casa Andrade Muricy, de maio a junho de 2010. Começamos a entrevista comentando como tinha sido trabalhar com Dalton Trevisan, que, como todos sabemos, não gosta de ser entrevistado, nem fotografado.

Entrevistadora: O senhor já tentou fotografar Dalton Trevisan?

Nego Miranda: Não. Inclusive para conseguir a autorização dele para usar as frases que aparecem no livro, primeiro tentei através de um amigo comum, que tentou várias vezes e não

conseguiu resolver isto com ele. Eles conversaram várias vezes, mas o Dalton nunca dava uma resposta definitiva. Até que o Fábio, que é jornalista, chegou e disse, “Olha, Miranda, tá na hora de adiantar a programação do livro, e eu não estou conseguindo a resposta do Dalton.” Então eu decidi falar com outra pessoa, o Chain.

E: É outro escritor?

NM: É o Chain da livraria. Ele me disse, “Miranda, se alguém pode conseguir, é aquela moça ali, que trabalha na livraria. É ela que conversa com ele, ela que tem uma aproximação maior com ele. Fala com ela.” Eu então expliquei o projeto pra ela, deixei um disco com as fotos, e pedi autorização. Uma semana depois eu passei por lá e ela me falou que o Dalton Trevisan tinha dito que autorizava, e que eu podia deixar a carta que ele autorizava. Foi assim. Deixei a carta, e uma semana

¹ Miranda, Nego (Carlos Alberto Xavier de Miranda). *A eterna solidão do vampiro*. Apresentação de Leticia Magalhães. Curitiba: Cultural Office, 2010.

depois, estava lá, e ela me disse, “está aqui, assinada.

E: Ela era o contato, então.

NM: Sim, ela era o contato. Foi ela que conseguiu esta autorização. Eu sei que depois ela me mandou um email, quando foi lançado o livro. O email dizia assim, “Ouvi sussurros de um vampiro que ele gostou do livro.” Achei muito engraçada a frase. Ele gostou da seleção das frases que a gente usou, e do casamento dessas frases com as imagens.

E: De fato, as imagens e o texto escolhidos são muito apropriados.

NM: Eu deixei lá no Chain alguns livros pra ele. Uma vez eu estava lá, e ela [a moça que foi o contato] estava conversando com o Dalton. Cumprimentei e passei direto. Eu gostei dele. Eu acho que — sempre falei pros meus colegas-- se esta é a vontade dele, se ele não quer aparecer, a gente tem que respeitar, principalmente ele. Acho que devemos isso a ele.

E: É uma posição artística e pessoal do Dalton.

NM: Sim. Ele é uma figura tão importante dentro da nossa cultura, da literatura brasileira, a gente tem que respeitar o que ele quer em relação à sua vida pessoal.

E: Mas eu quero falar também de outras coisas que o senhor já fez, outros livros que já escreveu. Já li alguma coisa sobre seus outros trabalhos, e gostaria que esta entrevista fosse também sobre outros trabalhos que o senhor fez além deste livro sobre a obra de Dalton Trevisan. Esta entrevista é especialmente sobre o trabalho de Nego Miranda. Estou muito interessada em como a gente pode, primeiro, valorizar, e depois divulgar

o que nós temos de bom aqui no Paraná.

NM: Esta é a intenção de toda a minha lavra fotográfica. Minha intenção sempre foi esta: valorizar e divulgar.

E: O senhor pode então falar sobre os outros projetos que a senhor já trabalhou e como chegou até aqui?

NM: Bem, eu me formei em técnico de eletrônica, na Escola Técnica Federal do Paraná. Na época era escola técnica, depois foi centro federal. Trabalhei alguns anos na COPEL, nessa área, e daí fui fazer filosofia. Fiz até o segundo ano e saí. Não consegui mais...

E: Não achou tão bom o curso?

NM: Não foi isso. Eu não consegui mais coordenar estudar e trabalhar. Eu voltei a trabalhar, e a minha intenção era sempre fazer cinema. Eu gostava muito de cinema. Ainda gosto, claro. Mas daí eu achei que cinema, aqui em Curitiba naquela época, não dava. Hoje já dá, mas naquele tempo, não. Eu sei por que tenho uma filha que está tentando fazer cinema... Então, naquele tempo, eu resolvi que eu tinha que ir pro Rio, que era o centro do cinema no Brasil. Aqui não tinha curso, não tinha nada, não tinha como aprender. Eu já tinha feito um curso de cinema no MAM (Museu de Arte Moderna) no Rio, numa época em que estive lá fazendo curso de especialização na área técnica. Então eu fiz este curso no MAM, que não chegava a um ano, talvez uns oito meses. Tinha gente importante, o Joaquim Pedro, o José Carlos Avelar, Eduardo Coutinho. Todos gente muito boa e competente, e o curso foi ótimo. Tive o prazer de ver a primeira exibição de *Macunaíma*.

E: Deve ter sido uma experiência espetacular!

NM: Para a projeção do *Macunaíma*, o Joaquim Pedro tinha acertado o filme pra projetar pra censura na época — era a época da censura...

E: Realmente.

NM: E o pessoal da censura não foi, e ele tinha aula com a gente, então disse, “Vou mostrar o filme pra vocês! Taí o filme, pronto, acabado!” (risos) Mas a minha intenção era fazer cinema. Eu fui pro Rio trabalhando na Xerox, e tentando entrar... Com o tempo fui tendo conhecimentos, até que consegui... Fiquei amigo de um produtor o Billy Davis que estava se associando ao Roberto Faria na época. Ele já era produtor há muito tempo, desde o tempo das chanchadas. O Billy estava na área comercial, ele e o Roberto Faria, montaram uma produtora a Abracam Filmes e eu fui trabalhar lá fazendo montagem e pós-produção.

E: Esta é uma maneira que muitos se iniciam na profissão de lidar com filmes, não é mesmo?

NM: De fato. Eu trabalhei três anos lá com o Billy Davis. O nome dele, na verdade, é José Pereira de Carvalho, mas o apelido dele é Billy Davis. Pra chegar a Billy Davis é outra história, que não vou contar agora... (risos). Eu fiquei trabalhando três anos e meio, mais ou menos, em cinema. Comecei a fazer assistência de fotografia para um diretor de fotografia que trabalhava lá, o Lazarini (Pedro Pablo Lazarini), que é um grande amigo meu, hoje é presidente do SINDCINE². Mas daí eu resolvi voltar pra Curitiba.

E: Por quê? Saudade da terrinha?

NM: É... (risos) eu achava que já não era mais aquele adolescente, e tudo era muito difícil, aquela coisa toda... E pensei, ah, vou voltar pra minha terra. Eu sempre voltei pra Curitiba, a minha vida inteira. A minha história sempre foi um retorno a Curitiba. Eu fui criado em Londrina. Passei a infância em Londrina, voltei pra Curitiba. Fui pra Paranaguá, voltei pra Curitiba. Fui pra Buenos Aires, voltei pra Curitiba. Fui pro Rio, voltei pra Curitiba. E sempre nas épocas que eu estava estabelecido aqui, eu viajava e voltava.

E: É a atração do lar, da casa, das pessoas, então.

NM: Agora estou em Morretes. Mas agora, de lá não sei se saio.

E: Mas tem uma casa em Curitiba.

NM: De fato.

E: Então, foi quando o senhor voltou pra Curitiba que começou a trabalhar com fotografia?

NM: Certo. Foi aí quando comecei a trabalhar com uns amigos que tinham montado um estúdio de fotografia e publicidade, e eles disseram, “ah, você já faz fotografia de cinema!”

E: em que ano foi isso?

NM: Foi em 75 que eu voltei do Rio pra Curitiba.

E: Com fotografia, o senhor começou então na área comercial mesmo?

NM: Sim, comercial.

E: Podia elaborar um pouco?

NM: Fotografia de publicidade, atendendo agências. A publicidade é uma boa escola para um fotógrafo. Eu que nunca fiz nenhum curso de fotografia, e só fiz o curso no MAM, de cinema, fui aprender fotografia assim, na prática, no estúdio e com os amigos. Ainda não existia especialização. Hoje,

² Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal.

sim. Existem fotógrafos só de moda, por exemplo, ou só fotógrafos de produto, etc. Antigamente, a gente fazia tudo. E isto, trabalhar no estúdio, dá experiência. E aí foi como eu desenvolvi na fotografia.

E: Então, esta era a época em que o fotógrafo tirava a foto, revelava o filme, e depois revelava a foto?

NM: Sim, a gente executava todo o processo.

E: E tinha aquele cheirinho dos produtos químicos usados na revelação... Eu me lembro...

NM: Sim, a gente passava noites dentro do laboratório trabalhando com as imagens.

E: Mas sempre era uma coisa mágica, não é mesmo? Fazer todo o processo, ver a imagem aparecendo no papel, na revelação da foto...

NM: Eu também acho.

E: Eu não trabalhei com fotografia, mas trabalhei na *Folha do Norte do Paraná* quando era bem jovem. Os fotógrafos eram muito gente boa, e como eu nunca tinha visto como se revelavam as fotos, eles me convidaram para acompanhar o processo. Foi realmente uma coisa muito fascinante ver como surgiam as imagens no papel.

NM: Hoje os fotógrafos saíram do laboratório e viraram escravos do computador, não é? Agora ficam o dia inteiro na frente do computador.

E: É, mexendo com Photoshop e outros programas.

NM: Photoshop direto.

E: Então, de 75 pra cá o senhor tem trabalhado com publicidade e fotografia?

NM: Eu parei com publicidade já há alguns anos. Na verdade, eu fazia publicidade, vivi trinta e poucos disso, mas isto não era o meu desejo. Eu sempre queria atuar na área documental, que é outro ramo da fotografia. Mas é um ramo que...

E: Não dá dinheiro?

NM: É, não dá dinheiro.

E: Arte não dá dinheiro no Brasil...

(risos)

NM: Bem, na verdade, a arte não dá dinheiro em quase lugar nenhum, a não ser pra muito poucas pessoas. Eu sei que comecei assim mesmo. O meu primeiro livro foi durante o tempo em que ainda era fotógrafo de publicidade. Eu sou neto de ervateiro. Na época, criaram o Museu do Mate, e abriram um concurso de fotografia sobre o mate. Eu resolvi participar, pensei, puxa, meu avô era ervateiro, e estou tão distante disto. Vou aprender sobre isso. Comecei a fotografar, fiz umas fotos sobre a erva mate e ganhei o primeiro e o terceiro lugar no concurso. Foi aí que eu resolvi que eu queria fazer mesmo, esquecer este negócio de cinema, e resolvi fazer documentação através da fotografia.



Engenhos e barbaquás



Engenhos e barbaquás

E: Então sua volta às suas raízes abriu outra linha artística.

NM: É bem isto. Todos os anos, na época da colheita da erva mate, eu tinha os contatos no interior, e ia, comecei a fotografar, e fiz meu primeiro livro. que se chama *Engenhos e barbaquás*³, sobre a erva mate no Paraná.

E: E foi publicado aqui em Curitiba?

NM: Sim, foi publicado aqui, pela lei municipal de incentivo. O texto é da Teresa Urban, jornalista. Nós trabalhamos juntos há muito tempo, e sempre me dei muito bem com a Teresa. Ela tem um ótimo texto, e também já tinha me convidado pra um livro

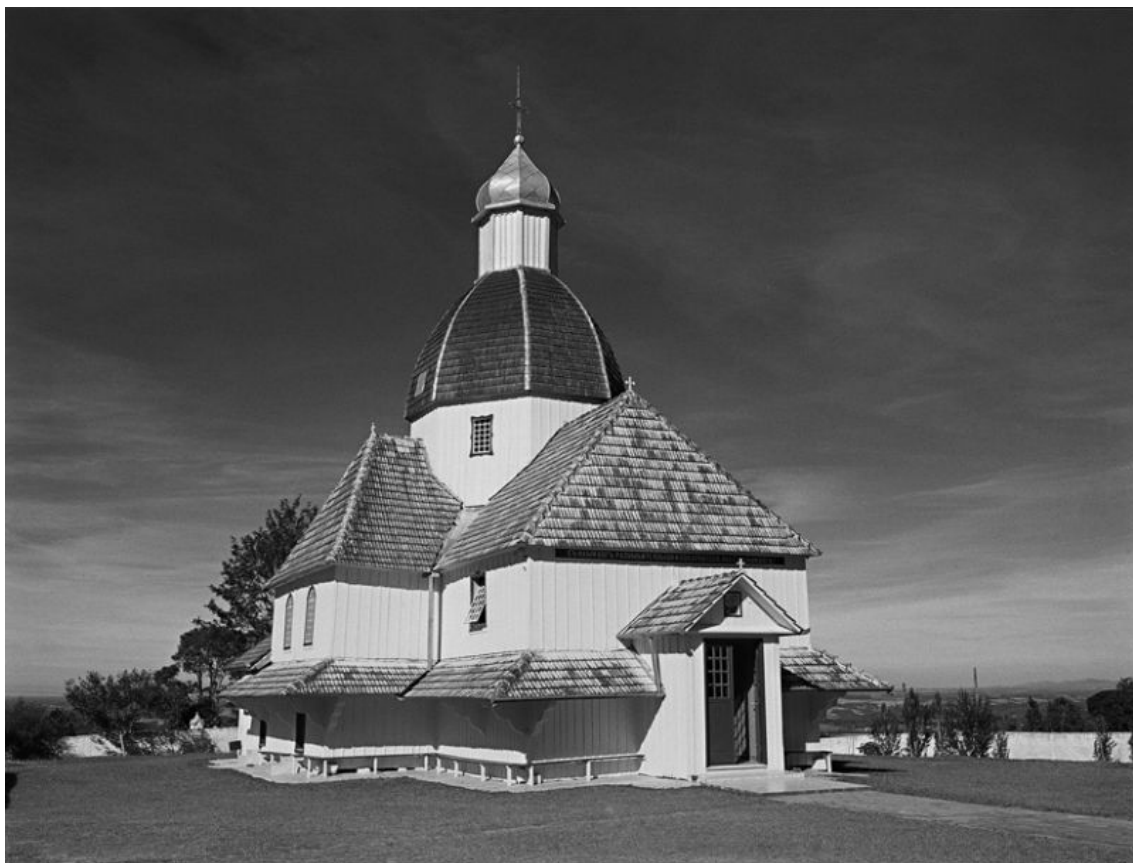
anterior que ela fez sobre a erva mate⁴, e ela sabia que eu estava interessado nisto, e aí fizemos o livro juntos. Ela fez a parte do texto e eu a fotografia.

E: Então, uma parceria de muitos anos.

NM: Pois é, já estamos indo para o nosso terceiro livro.

³ Miranda, Nego (fotografia), Urban, Teresa (texto). *Engenhos e Barbaquás*. Curitiba: Posigraf, 1998.

⁴ Urban, Teresa. *O livro to mate*. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial, 1990.



Igrejas de madeira

E: E depois o senhor fez um livro sobre as igrejas de madeira.

NM: Antes das igrejas de madeira, eu iniciei outro livro sobre tema paranaense. Como eu já tinha feito um sobre a erva mate, resolvi fazer um sobre a arquitetura de madeira. Convidei uma amiga que é professora da FAAP em São Paulo, e trabalha com a história da arquitetura, a Maria Cristina Wolff de Carvalho. Ela é daqui e dá aula e mora lá. Juntos nós trabalhamos num projeto que se chama *Paraná de madeira*, que é sobre a arquitetura em geral, de madeira, no Paraná.⁵ Durante a montagem deste projeto, eu senti que podia fazer outro

livro só sobre igrejas de madeira. Havia esta possibilidade porque vi que tinha muito material que merecia um tratamento especial. E é nesta área da preservação da memória do Paraná. Então eu montei os dois livros. O [livro] *Igrejas de madeira*⁶ seguiu quase em paralelo com o *Paraná de madeira*. Tanto assim que os livros, a gente lançou um quase em seguida do outro, com uma diferença de quatro ou cinco meses.

E: Este trabalho de preservação da memória é muito importante. Eu também cresci num “Paraná de madeira”, e a gente vê que não

⁵ Miranda, Nego (fotografia), Wolff de Carvalho, Maria Cristina (texto). *Paraná de madeira*. Brasil: Gráfica Santa Marta, 2005.

⁶ Miranda, Nego (fotografia), Wolff de Carvalho, Maria Cristina (texto). *Igrejas de madeira do Paraná*. Curitiba: Cultural Office, 2005.

existem mais aquelas casas, e os jovens às vezes nem sabem que existiram... A gente não vê mais nada destas casas. Talvez em alguns lugares. Eu me criei no norte do estado, em Maringá, e na minha infância, todas as casas eram de madeira... Hoje, é raro ver-se alguma.

NM: De fato. No Paraná quase acabou. O meu livro pega mais a parte do sul [do Paraná], porque lá no norte, acabou tudo mesmo. Lá foi substituído tudo que tinha de madeira. Vinham caminhões de São Paulo pra comprar casas de madeira, porque demoliam a casa e aproveitavam a madeira já seca para fazer móveis. Tudo madeira de lei, porque o norte do Paraná era todo coberto de florestas de peroba e imbuía, e as casas eram feitas dessas madeiras nobres...

E: Sim, isto aconteceu antes da gente se preocupar com a questão ecológica, porque hoje em dia, se alguém disser “eu vou cortar essas árvores pra fazer uma casa...” Então as pessoas fazem as casas de tijolo mesmo...

NM: De fato. Mas antes eles tinham que abrir os caminhos, as cidades, e tinha muita árvore. Naquele tempo,

esses que vinham de São Paulo eram fabricantes de móveis, compravam as casas por um valor muito pequeno, derrubavam, punham a madeira nas carretas, e já levavam tudo pra São Paulo, pra fazer móvel.

E: Então o senhor acha que já não se fazem mais casas de madeira aqui no Paraná?

NM: Alguma coisa ainda se faz. Eu de vez em quando vejo algumas casas sendo construídas com madeira. Mas a nossa preocupação é a preservação destas que já existem. A questão das igrejas, principalmente, é importante. Por exemplo, tem um padre que me auxiliou na pesquisa sobre as igrejas, o padre. Aleixo Wardzinski de Souza, que fazia parte do conselho do patrimônio histórico do estado. Ele salvou várias igrejas que iam ser demolidas, porque o povo dizia, “nós temos uma igreja de madeira, vamos fazer uma de ‘material’.” Eles demoliam a de madeira, usavam aquele material como andaime pra fazer a de tijolos. Mas ele começou a trabalhar com isto. Ele segurou a demolição de várias igrejas... É uma questão de manter nosso patrimônio.



Paraná de madeira

E: Esta é uma coisa que eu acho que a gente devia ter um pouco mais de cuidado, o nosso patrimônio histórico. Não sei se o senhor soube da situação da rodoviária de Maringá.

NM: Não, não estou sabendo.

E: O que aconteceu é uma coisa impressionante de tanta... bom, sabemos que não é uma catedral gótica, não é uma coisa do estilo europeu. É um edifício feito pelos maringenses na época em que era necessário.

NM: Sim, eu me lembro deste edifício. Tinha os arcos bem grande nas duas entradas.

E: Foi demolido o edifício. Também foi demolida em Maringá a ferroviária. Trabalhos de “gaviões

imobiliários.” Me dá muita tristeza de voltar a Maringá e ver a cidade sendo descaracterizada. Com a desculpa que o lugar atraía “gente ruim,” destruíram o prédio. No lugar vão construir talvez um estacionamento, talvez um outro prédio.

NM: Especulação imobiliária.

E: A preservação do que é nosso, aqui no Paraná, faz muita falta. Muitos paranaenses dizem que somos muito provincianos, e só querem ir embora. Eu admiro o senhor que foi e voltou às suas origens, e aqui produziu trabalho de resgate do que temos, que é nosso. Os jovens têm que se conscientizar que não somos São Paulo, nem Rio, nem Recife. Somos do Paraná e o que é nosso tem valor.

NM: De fato, temos que valorizar o que é nosso. Valorizar muito mais. Um outro livro que eu fiz foi sobre Morretes. Eu queria trabalhar mais com a área do litoral. Eu não morava em Morretes até então, mas trabalhei com a Teresa, e fizemos um livro sobre a cidade, *Morretes, meu pé de serra*.⁷ Depois de Morretes, eu tinha que fazer um sobre Curitiba! (risos) E quem melhor do que o Dalton Trevisan pra falar de Curitiba? Ele é o grande conhecedor da alma curitibana. E a cidade é o seu personagem principal. Quando me decidi a fazer o livro, eu queria fazer a geografia de Curitiba, fazer o mapeamento da Curitiba de Dalton.

E: Ele não se interessa pela “Curitiba turística,” que ele chama de “para inglês ver.” Acho que o senhor captura bem o espaço de que o Trevisan escreve.

NM: É este mesmo o espírito. Eu não queria mesmo, jamais, mostrar esta Curitiba...

E: Da Rua das Flores ao meio dia?

NM: É, esta não daria certo, e acho que nem ele ia gostar (risos). A idéia era ir em busca da Curitiba perdida, que foi se modificando, e hoje é difícil de encontrar. E aí neste livro eu fiz várias misturas, tentando captar o clima da cidade, e do Dalton. Usei vários recursos de fotografia.

E: Eu queria mesmo saber sobre este aspecto técnico das fotografias.

NM: Ali usei cromos, que é como a gente chama os slides de diapositivos coloridos, que eu já tinha feito antes do início do projeto. Eu usei foto preto e branco normal com uma técnica que

comecei a desenvolver e que consiste em usar o movimento de câmera, em baixa velocidade. E também usei filme preto e branco infra-red.

E: E onde se conseguem esses filmes?

NM: Eu importei junto com um amigo meu, também fotógrafo, que gostava de usar infra-red.

E: E de onde vieram os filmes?

NM: Dos Estados Unidos. A gente importou junto uns cem rolos de filme.

E: O que me impressiona muito sobre as suas fotografias é que, em alguns casos, se pode ler o texto de Trevisan e olhar a foto, e a gente tem a impressão de estar dentro da história, completamente. Como alguns dos personagens estão bêbados, a imagem fica difusa. É como se o leitor estivesse no lugar do “vampiro,” no meio da noite, no lusco-fusco.

NM: Eu tentei. Muitas vezes... acordava às cinco da manhã e minha mulher ficava preocupada porque eu saía com minhas máquinas por aí.... Outra coisa que eu sempre gostei de fotografar é neblina. Quando eu via que tinha neblina, eu saía de madrugada... pra fotografar...

E: Como um vampiro!

(risos)

NM: É mesmo! E eu sabia os locais que o Trevisan gosta, que ele cita. A gente fez um levantamento dos locais, e começou a preencher. Minha filha Letícia é quem fez o texto da apresentação. Ela é formada em Letras aqui na Federal, e é professora de Português e literatura. A gente começou a pesquisar a obra dele, selecionar as frases que poderia usar, as que falavam diretamente sobre os locais de Curitiba dentro da obra dele.

⁷ Miranda, Nego (fotografia), Urban, Teresa (texto). *Morretes, meu pé de serra*. Curitiba: Espaço Cultural, 2007.

E: Eu vejo muito nas suas fotos uma coisa que associo com algumas obras do modernismo americano, que falam muito da solidão. O personagem de Dalton Trevisan é um solitário.

NM: É isto mesmo. Eu até pus a solidão no título do livro.

E: O personagem de Dalton Trevisan é a pessoa que não se relaciona com os outros, ou porque não pode, ou porque a sociedade mesma que ele apresenta é muito fechada, isolando os indivíduos.

NM: Eu tentei mostrar este aspecto. Acho que só em uma foto do livro aparece mais que uma pessoa. E sempre aparece a pessoa isolada. Isto foi intencional. E usei também outra técnica pela primeira vez, de fazer pin-hole digital. Além de foto digital normal, eu tirei a lente, pus uma tampa com um buraquinho. Porque pin-hole é aquela técnica do furinho na lata. É a primeira técnica de fotografia que existiu, a caixa preta. Isto então consistiu de fazer exatamente fotos com um furinho, ao invés de lente. Eu enquadrava, colocava a tampa, e fazia a foto. Como é uma técnica que exige uma longa exposição; elimina as pessoas.

E: E qual seria a vantagem técnica de usar este sistema? Mais precisão?

NM: Ao contrário. As fotos saem mais imprecisas, mais borradas, com baixa definição.

E: Espero que a gente não esteja aqui traindo seus segredos profissionais.

NM: Não se preocupe, não é nenhum segredo nem novidade. Isso eu conto pra todo mundo.

(risos)

E: Então, e agora, o que o senhor pretende fazer daqui pra frente?

NM: De imediato, eu tenho um projeto, de novo junto com a Teresa. É um livro que já foi aprovado pela lei municipal. Chama-se “Armarinhos,” e é sobre o comércio antigo de Curitiba. Eu sempre quis fazer alguma coisa neste sentido. Também estou com outro projeto, que estou pensando ainda, começando a montar. É pra ser uma visão geral sobre os cemitérios, as cidades dos mortos.

E: Existe realmente muita história nos cemitérios, muita arte.

NM: Sim, muita arte. Eu acabei de descobrir uma professora de Goiás — ela é de São Paulo, mas dá aula em Goiás — que é uma grande especialista em arte funerária no Brasil. E tem uma série de artigos sobre este assunto. Eu me lembro que o (Jorge Luís) Borges escreveu muito sobre cemitérios, sobre a Recoleta, aquele cemitério de Buenos Aires. Então eu pus na internet, “cemitério” e “Borges”, pra ver se pegava alguma coisa interessante dos textos dele. E a professora tem o sobrenome Borges também. Aí caíram muitos artigos dela, sobre cemitérios. Quer dizer, atirei num lado e acertei no outro sem querer!

(risos)

E: A arte às vezes se faz de coincidências. Nos Estados Unidos tem uma associação que se chama Associação Americana de Cultura Popular, que tem um congresso uma vez por ano. E neste congresso eles têm uma sessão permanente que é só sobre a arte em cemitérios. É uma sessão interessante, que atrai gente de outros países. Quem sabe alguma vez o senhor poderia participar. Quando seu material estiver mais adiantado, seria uma possibilidade de divulgação.

NM: Sim, isto seria muito interessante.

E: Voltando ao Trevisan, então o senhor não falou com ele diretamente, mas soube através de uns suspiros que ele gostou do livro. E o senhor pensa em algum outro autor do Paraná pra fotografar a obra?

NM: Olha, ainda não pensei nisso.

E: Posso fazer uma sugestão?

NM: Pode. Mas olha, eu fui amigo do Leminski, até ajudei a produzir um livro dele...

E: Sim, o Leminski seria muito interessante. Mas não temos que ser muito específicos; o autor não tem que ter nascido aqui... Sugiro um outro autor daqui do Paraná, que nasceu em Santa Catarina...

NM: Ah, o Tezza! Ele foi professor da minha filha.

E: Sim, o Cristóvão Tezza. O contraste é muito interessante entre a obra dele e a de Dalton Trevisan. A Curitiba de um é muito diferente da Curitiba de outro. Eu ensinei um curso recentemente concentrando na obra de Tezza, mas eu também incluí alguns textos de Dalton, e mostrei o seu livro. Curitiba já é uma cidade grande o suficiente, diversa o suficiente, pra ter dois autores que se concentram nela. Dois autores de gabarito. Cada um apresentando uma face da cidade.

NM: Eu inclusive fui vizinho do Tezza, há muitos anos. É uma figura simpática, e um ótimo escritor.

E: E ele não se esconde! É professor, como vai se esconder?

NM: Mas parece que ele largou a profissão. Disse que agora vai se dedicar só à sua obra. Ele saiu da academia, e consegue viver só da literatura.

E: O livro dele, *O filho eterno*⁸, tem recebido muito boas críticas. Os meus alunos gostaram muito da obra de Tezza. Um deles gostou muito do romance *O fotógrafo*.⁹ Já um que pelo jeito vai mexer profissionalmente com literatura gostou mais de *A suavidade do vento*¹⁰, que é um livro muito complexo. Eu apontei pros meus alunos que o Tezza é professor de teoria literária... Talvez isto explique a complexidade estrutural de *A suavidade do vento*. Se compararmos o Trevisan e o Tezza, vemos que cada um tem sua técnica, e são bem diferentes. Mas os dois centrados na cidade.

NM: As cidades são personagens de grande importância.

E: Então quem sabe no futuro haveria um livro sobre Tezza?

NM: Sim, quem sabe o *O fotógrafo*. Eu tenho outros projetos encaminhados. Um é sobre Foz do Iguaçu, mas não a Foz do Iguaçu turística, mas a Foz do Iguaçu das diferentes etnias. São setenta etnias dentro daquela cidade. Ali tem um ponto de atração, e a cidade virou uma esquina do mundo, uma Babel. Já se falavam, até a época de Itaipu, quatro línguas — o português, o espanhol, o guarani, e um dialeto que é uma mistura destas três línguas, o Jopará. Este dialeto era falado pelo “povão,” que vem da mistura dos guaranis, com os falantes de espanhol e português ali todos juntos. E a partir de Itaipu, o dialeto foi mudando. Hoje ele tem palavras árabes, chinesas... Antigamente já havia muitas etnias naquela região mas depois de Itaipu houve uma

⁸ Tezza, Cristóvão. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

⁹ Tezza, Cristóvão. *O fotógrafo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

¹⁰ Tezza, Cristóvão. *A suavidade do vento*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

explosão imigratória... Por exemplo, hoje a maior mesquita da América Latina está em Foz do Iguaçu, porque a influência árabe é muito grande. Também temos ali a cultura coreana, japonesa, chinesa, grega. E não são só indivíduos de cada cultura, mas famílias e famílias que vieram pra cidade...

E: Bom, como já não podemos fotografar as Sete Quedas que foi destruída, então pelo menos podemos pesquisar sobre as etnias das pessoas que vieram como resultado de Itaipu.

NM: Mas este é um projeto mais difícil de captar...

E: E quando o senhor faz estes livros através dessas leis de incentivo, como funciona? Eles pagam ao senhor antes? Como é que é feito isto?

NM: A lei é o seguinte: você monta o projeto, e manda pro ministério da cultura. Lá eles analisam o projeto, passam por uma comissão, e aprovam o projeto. Quando a gente manda o projeto, já manda uma planilha com todos os valores de cada item que vai ser gasto. Tem umas coisas que eles aprovam, outras que eles cortam... Pelo menos tem sido assim até agora. Esta lei está pra ser modificada. Aprovado o projeto, você tem uma carta, e com ela você pode ir as empresas e fazer a captação. Cinco por cento do que elas vão pagar de imposto de renda, podem aplicar no projeto. Só que as empresas do Brasil... muitas delas têm caixa dois... e têm medo de mexer com Receita Federal, porque existe este mito que isto vai causar problemas pra elas.

E: É uma pena, porque se não são as grandes empresas a apoiar a arte, os indivíduos não têm condição de fazer arte. Os mecenas hoje têm que ser as grandes empresas e o governo, não é?

NM: Agora eles estão para mudar. Eles vão fazer um caixa comum, assim as

pessoas não precisam ir mendigar nas empresas. Todos os 5% de todas as empresas vai pra um fundo. Hoje se perde muito deste dinheiro, porque as empresas não aplicam na arte, e tudo vai direto pro cofre comum da Receita. Agora não: os 5% de todas as empresas vão ficar juntos. Aí não vai ter mais aquele negócio do artista ser escravo, ou de sair pedindo esmola nas empresas.

E: Tomara que as coisas melhorem. Para os jovens artistas, isto seria um incentivo muito grande.

NM: Exato. Um incentivo pra eles poderem realizar seus projetos em várias áreas.

E: Mas eu quero voltar a falar do seu livro. Eu acho que os trabalhos de artistas como o senhor são muito importantes pra provar para as empresas que não estão jogando dinheiro fora quando aplicam em arte, porque o artista está fazendo um trabalho importante de recuperação, de preservação, de divulgação, e de celebração mesmo da nossa cultura.

NM: E é tão difícil... Por exemplo, o *Paraná de madeira* está esgotado. Eu estou com um projeto aprovado na lei Rouanet pra fazer a segunda edição.¹¹ Nem a Petrobrás, que financiou a primeira edição quer fazer a segunda. Eu já fui lá várias vezes conversar com a Petrobrás, já mandei várias vezes o projeto pra eles, e não tive resposta.

E: Mas não teria uma outra maneira de publicar os livros?

NM: Tem sim, se eu arranjar uma maneira, que não seja pela lei Rouanet. Tem que ter que alguma empresa que se interesse e patrocine o projeto todo.

¹¹ Ver um artigo do *Estado*, em abril de 2011, sobre esta lei e seu alcance: <http://m.estadao.com.br/noticias/arteeclazer.lei-rouanet-ainda-mostra-forca,703130.htm>



A solidão do vampiro 2

E: Mas não poderia ser uma editora?

Se o livro está esgotado, quer dizer que tem uma audiência interessada. Talvez alguma editora se interesse?

NM: Sim, talvez tenha alguma editora.

E: Pode ser que alguma procure o senhor...

NM: E a segunda edição sai muito mais barata. Eu vou fazer algumas fotos por causas de umas descobertas novas, tirar algumas que eu acho que hoje são desnecessárias e colocar outros detalhes que passaram em branco na primeira edição. Mas são poucas as alterações. O texto está pronto, praticamente.

E: Quem sabe? Eu propus para a *Revista Espaço Acadêmico* um número especial justamente pra isto: pra divulgar o que existe no Paraná em termos de arte, cultura, de todas as áreas, feito por gente daqui. Uma coisa que ainda existe aqui no Brasil é que aqui ainda se acha que tudo que tem valor, ou vem de São Paulo ou do Rio. Somos duplamente subordinados. Subordinados a uma cultura de fora, e subordinados dentro do nosso próprio país por estes dois centros que acham que são só eles o Brasil. Eu acho que a gente precisa cultivar mesmo nos nossos jovens esta idéia de que o que nós temos é muito bom. Nós não devemos pra ninguém.

NM: E o que temos é variado, não é mesmo?

E: Exato. E se nós não prestamos atenção, quem vai prestar atenção? Tem que partir de nós esta apreciação.

NM: Tanto que você vê que com a lei Rouanet, 80% dos que se beneficiam são do Rio ou São Paulo. Do balanço da lei Rouanet durante todos os anos em que foi aplicada, 80% são de São Paulo e Rio, 20% do resto do país. Esta é uma das correções que a gente quer fazer na lei.

E: Um exemplo do que se está fazendo em outros lugares vem de Santa Catarina. Tenho uma amiga que participa de um grupo em Laguna. Eles têm uma revista, e fazem atividades culturais, publicam livros... Isto é trabalho de catarinense. Isto é muito importante pra fazer este trabalho de reconhecimento, auto-reconhecimento cultural. A verdade é que temos muitas coisas boas, vamos apreciar, vamos mostrar.

NM: De fato, isto é importante pra que todos vejam que cada lugar tem sua arte, sua cultura específica, e que tudo deve ser celebrado.